



**GILES MILTON**

AUTOR BESTSELLER

**O CASO ESTALINE**

**A ALIANÇA IMPOSSÍVEL  
QUE VENCEU A GUERRA**

**v o g a i s**

*Para a minha falecida mãe, Jo*

# ÍNDICE

<i>Nota do Autor</i> .....	11
Prelúdio .....	15
PARTE I: Ondas de Choque	
1. A Emissão de Winston .....	25
2. Roosevelt Fala aos Jornalistas .....	33
3. A Crise de Estaline .....	37
PARTE II: Primeira Aliança	
4. Um Homem Chamado Averell .....	43
5. O Encontro com Winston .....	55
6. Aprofundando uma Amizade .....	61
7. Kathy e Churchill .....	71
PARTE III: À Procura de Estaline	
8. Convidados Indesejados .....	87
9. Moscovo em Chamas .....	95
10. Os Dois Grandes .....	101
11. O Encontro com Estaline .....	111
12. Em Fuga .....	125
13. Em Chequers .....	133
PARTE IV: Um Novo Começo	
14. Chamem-me Archie .....	147
15. No <i>Bunker</i> de Estaline .....	155
16. Degelo de Primavera .....	167

17. O Velho Cara de Bota .....	177
18. Águas Turvas.....	183
19. A Missão do Inferno.....	191
20. Uma Batalha de Vontades.....	203
21. A Boia de Salvação de Estaline.....	219
22. O Tio Zé.....	225

#### PARTE V: Nuvens de Tempestade

23. Aliados Incertos.....	235
24. O Embaixador Averell.....	243
25. Atirados para a Piscina.....	247
26. A Verdadeira Moscovo.....	261
27. Nas Ruínas de Estalinegrado.....	267
28. Os Três Grandes.....	275
29. Natal em Moscovo.....	289

#### PARTE VI: Escuridão e Luz

30. Para o Interior da Floresta.....	295
31. Por Trás da Cortina Soviética.....	303
32. Sol em Moscovo.....	313
33. O Dia D.....	319
34. Polos Opostos.....	323

#### PARTE VII: O Ajuste de Contas

35. A Face da Guerra.....	335
36. O Documento Malicioso de Churchill.....	343
37. O Massagista Moscovita de Archie.....	357
38. O Futuro do Mundo.....	361
39. Averell Foge ao Plano.....	377

Vidas Posteriores.....	393
------------------------	-----

<i>Agradecimentos</i> .....	405
-----------------------------	-----

<i>Créditos das Imagens</i> .....	409
-----------------------------------	-----

<i>Notas</i> .....	411
--------------------	-----

<i>Bibliografia</i> .....	431
---------------------------	-----

<i>Índice de Nomes</i> .....	441
------------------------------	-----

## NOTA DO AUTOR

Esta é uma história verdadeira. Tudo o que surge entre aspas são diálogos registados, todas as descrições da vida quotidiana são retiradas de cartas, diários e memórias. Muitos destes relatos foram escritos à pressa e nunca foram pensados para publicação. Estandardizei as grafias e corriji a gramática para tornar a sua leitura mais fácil. As referências aos documentos originais podem ser encontradas nas notas finais.

Também soletro claramente a maior parte dos (mas não todos os) acrónimos e abreviações: assim, FO passa a Negócios Estrangeiros (*Foreign Office*) e ACK passa a Archibald Clark Kerr. Mas outros, como o NKVD (Comissariado do Povo para os Assuntos Internos, o precursor do KGB), mantêm-se como acrónimos. E PM, como a maior parte dos leitores saberá, significa primeiro-ministro. Não há grande consistência no meu método: o meu objetivo foi a clareza.

O mesmo acontece com a transliteração dos nomes russos: usei a grafia preferida dos britânicos e norte-americanos residentes em Moscovo durante a guerra e segui a mesma regra quanto aos nomes de sítios. Assim, Arkhangelsk é Archangel, como sempre foi na década de 1940.

Uma das principais personagens deste livro, Archibald Clark Kerr, insistia em que todos o tratassem por Archie, uma fuga muito invulgar à convenção diplomática. Cumpri o seu desejo e alarguei esta informalidade também às outras personagens principais. Há boas razões para isso: Kathleen Harriman era conhecida

de todos como Kathy, e o seu pai, Averell Harriman, foi sempre Averell, ou Ave.

Estaline, contudo, tem de ficar como Estaline. Ele não achou graça quando lhe disseram que a sua alcunha era «Tio Zé».

«Só há uma coisa pior do que lutar com aliados,  
e isso é lutar sem eles!»

WINSTON CHURCHILL, 1944

## PRELÚDIO

### *Noite do Solstício de Verão, 1941*

Era a noite mais curta do ano.

No céu a ocidente ainda havia vestígios de luz, mas nas fronteiras soviéticas, que se estendiam do mar Báltico ao mar Negro, era finalmente de noite. O quarto minguante não parecia ser mais do que um fraco reluzir prateado.

Ao longo de toda a fronteira soviética, com 2900 quilómetros de comprimento, o maior exército da história agachava-se nas sombras. Infantaria, artilharia, motoristas, mecânicos; todos observavam e esperavam. Mais de três milhões de tropas calejadas da Wehrmacht alemã estavam em alerta máximo, tendo acabado de receber a notícia que a Operação Barbarossa seria lançada nessa mesma noite. A invasão nazi da União Soviética estava prestes a começar.

Estes três milhões de soldados estavam na vanguarda de um vasto exército mecanizado que já tinha atravessado toda a Europa. Polónia, Noruega, Dinamarca, Bélgica, Países Baixos e França — todos estes países tinham sido esmagados pelos nazis. Agora a Wehrmacht ia enfrentar o seu inimigo mais formidável até então, o Exército Vermelho de Estaline. Hitler e os seus generais confiavam no sucesso, pois a força invasora incluía 3350 tanques, 2770 aviões e 7184 peças de artilharia, bem como 600 mil camiões e 600 mil cavalos. Nada menos de 148 divisões tinham sido reunidas em três gigantescos grupos do exército designados por Norte,

Centro e Sul. Iriam abrir caminho pelo território soviético com o objetivo de capturar Leninegrado, Moscovo e a Ucrânia soviética. Hitler estava determinado a triunfar onde Napoleão e o seu *Grande Armée* tinham falhado de forma estrondosa.

Às primeiras horas de domingo, 22 de junho de 1941, as tropas da artilharia alemã começaram a retirar as redes de camuflagem dos seus canhões e a puxá-los para fora dos abrigos. Os soldados sincronizaram os relógios; sussurraram-se instruções de última hora. No Grupo Centro do Exército, verificaram-se as anteparas à prova de água nos tanques que iriam cruzar o rio Bug. Eram 2 da manhã, hora alemã, e o ar estava carregado de antecipação. Dentro de uma hora, os *panzers* ligariam os seus motores, expelindo vapores de gásóleo para o céu noturno.

Do lado soviético da fronteira tudo estava tranquilo. Em dezenas de aldeias, agricultores, operários e donas de casa já se tinham ido deitar havia muito, ignorando que as suas vidas estavam presenças a ser viradas do avesso. Os guardas fronteiriços do Exército Vermelho estavam igualmente impreparados. A maioria não tinha armamento. Nenhum deles tinha informações.

Apenas poucas semanas antes, Hitler avisara os seus generais de que a Operação Barbarossa exigiria uma nova forma de combater, na qual a brutalidade seria uma arma de guerra. «Esta é uma guerra de extermínio», disse. «Os comandantes têm de estar preparados para sacrificar os seus escrúpulos pessoais.»<sup>1</sup> Oficiais, sabotadores e guerrilheiros soviéticos capturados deveriam ser sumariamente abatidos, a par de centenas de milhares de judeus. Populações inteiras deveriam ser liquidadas, para que os alemães pudessem ter mais «*lebensraum*», ou espaço vital. O «Plano da Fome» do Führer não era menos maligno; seria usado para matar milhões de cidadãos soviéticos à fome.

Hitler mostrava-se confiante numa vitória rápida. «Bastar-nos-á apenas deitar abaixo a porta», disse, «e todo o edifício podre irá ruir.»<sup>2</sup> Esperava que as triunfantes tropas alemãs desfilassem em Moscovo no espaço de poucos meses — talvez mesmo de semanas.

O Führer preparara o terreno para a vitória na primavera anterior, atraindo a Bulgária, a Roménia e a Jugoslávia para o seu campo. Quando o governo pró-nazi da Jugoslávia fora derrubado num golpe militar pró-ocidental — um revés inesperado —, Hitler invade o país e força Belgrado a capitular em apenas dez dias. Agora, com a Europa ocidental, central e de leste sob o seu controlo, estava aberto o caminho para a maior de todas as suas vitórias. Apenas a Grã-Bretanha tinha a possibilidade de frustrar os seus planos, mas estava em grave perigo nesse verão. Os submarinos de Hitler estavam a afundar navios britânicos mais depressa do que eles podiam ser substituídos.

Dois anos antes, no verão de 1939, Hitler e Estaline tinham espantado o mundo ao assinar um tratado formal de amizade. Depois de muitas negociações de bastidores, anunciou-se que a sua inimizade de longa data tinha sido ultrapassada e que os dois ditadores eram agora aliados. Os líderes políticos na Europa e na América esperaram, perplexos, para ver o que aconteceria a seguir.

Não tiveram de esperar muito, porque as consequências do Pacto Nazi-Soviético\* se tornaram aparentes em poucas semanas. Uma das suas cláusulas secretas dividia a Polónia em duas metades, com a metade ocidental a ser engolida pela Alemanha nazi e a metade oriental pela União Soviética. A 1 de setembro de 1939, o Führer invade o oeste da Polónia, levando a Grã-Bretanha e a França a declarar guerra à Alemanha. Isto marcou o início da Segunda Guerra Mundial.

Três semanas mais tarde, Estaline enviara o seu Exército Vermelho para o leste da Polónia, uma ocupação seguida por assassinios em massa de políticos, intelectuais e oficiais militares. Ao longo dos meses que se seguiram, países outrora independentes foram devorados por inteiro pela Alemanha e pela União Soviética.

---

\* Oficialmente, «Tratado de Não-Agressão Entre a Alemanha e a URSS», e suplementado pelo «Tratado Fronteiriço e de Amizade Germano-Soviético».

O Exército Vermelho ocupou os três Estados do Báltico e atacou a Finlândia; a Wehrmacht arrebatou a Dinamarca e a Noruega em abril de 1940. Seguiu-se-lhe a invasão *blitzkrieg* de Hitler da França, da Bélgica e dos Países Baixos. Durante estes longos meses, a aliança do Führer com Estaline sustentou todas as suas movimentações.

Contudo, em junho de 1941, o Pacto Nazi-Soviético estava cada vez mais frágil, e existiam inúmeros sinais de que Hitler se preparava para trair o seu anterior aliado. Estaline recusou-se a acreditar nesses sinais. Fez vista grossa aos voos de reconhecimento da Luftwaffe sobre território soviético e ignorou informações de um simpatizante comunista no Ministério do Ar alemão. «Digam à fonte do pessoal da Força Aérea alemã que vá foder a sua mãe!», foi a resposta de Estaline. «Não é fonte nenhuma, é um falso informador.»<sup>3</sup> Até desconsiderou informações de grande precisão de Richard Sorge, um agente soviético que trabalhava na embaixada alemã em Tóquio.

Quando o embaixador britânico em Moscovo, *Sir Stafford Cripps*, fez o seu próprio aviso — que vinha diretamente de Winston Churchill — Estaline ignorou-o como *angliiskaya provokatsiya* (provocação inglesa). Desprezava o primeiro-ministro britânico e estava convencido de que ele estava a tentar espicaçar a União Soviética para entrar em guerra com Hitler.

Vyacheslav Molotov, comissário dos Negócios Estrangeiros de Estaline, ficou suficientemente inquieto com os boatos para convocar ao Kremlin o embaixador alemão, o conde Friedrich-Werner von der Schulenburg. Perguntou-lhe se era verdade que todas as mulheres do pessoal da embaixada tinham sido repatriadas para Berlim. «Todas as mulheres, não», disse o embaixador hipocritamente. «A minha mulher ainda cá está.»<sup>4</sup>

O aviso mais forte chegou na véspera da invasão, quando um desertor alemão chamado Arthur Liskov atravessou a fronteira e disse a guardas fronteiriços soviéticos que a diretiva de ataque tinha acabado de ser enviada à sua unidade. A Operação Barbarossa

deveria começar às 4 da manhã. Esta notícia foi mostrada a Estaline, que deu ordens para fuzilar Liskov por espalhar desinformação. Mas ficou suficientemente alarmado para colocar as tropas fronteiriças em alerta máximo, embora a ordem viesse com uma ressalva: «A tarefa das nossas forças é abster-se de qualquer tipo de ação de provocação.»<sup>5</sup>

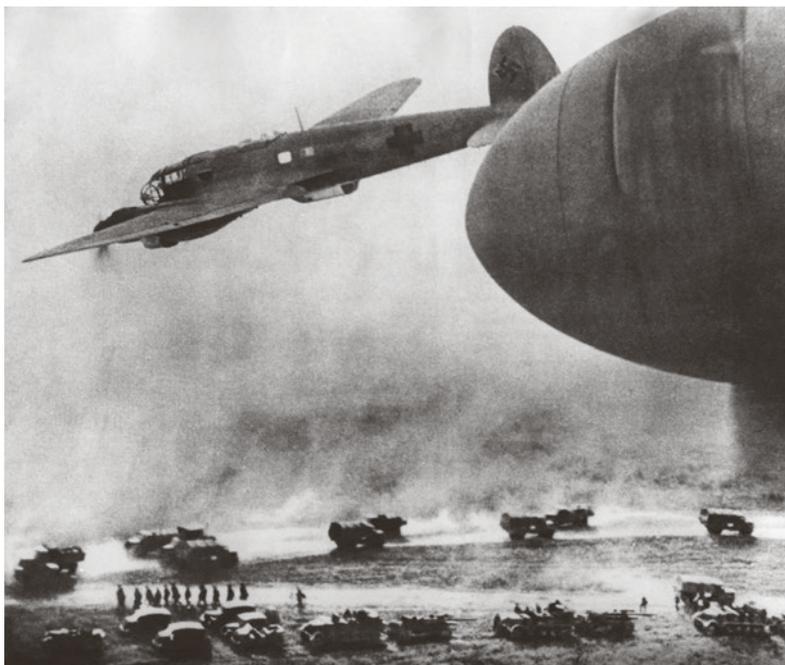
Estaline passou essa noite de solstício de verão na sua *dacha* em Kuntsevo, a 10 quilómetros de Moscovo, com uma pequena comitiva de generais e conselheiros. Às 23 horas, subiram para a sala de jantar no piso superior. «Estaline passou o tempo a assegurar-nos que Hitler não iria começar a guerra», recordou um dos presentes.<sup>6</sup> Mesmo então, o líder soviético recusava-se a acreditar nas informações.

Cerca das 2 da manhã, os seus convidados regressaram aos seus apartamentos de Moscovo. Aproximadamente uma hora depois, o próprio Estaline foi-se deitar.

Precisamente às 3h15 dessa madrugada, domingo, 22 de junho, uma tonitruante barragem de artilharia estilhaçou o silêncio, com milhares de canhões alemães a abrirem fogo ao longo dos 2900 quilómetros da linha de frente. Uma armada aérea da Luftwaffe atravessou em simultâneo a fronteira pelo ar: a sua missão era semear destruição nos aeródromos e posições defensivas soviéticos.

Ao longo dos dias anteriores, os aviões de reconhecimento alemães haviam mapeado todos os alvos estratégicos, incluindo pontes, postos de comando, entroncamentos ferroviários e centrais elétricas. Como tal, com precisão clínica, os pilotos de Hitler fizeram chover o caos sobre as infraestruturas no solo. Levaram a cabo a sua destruição com jactância, com os seus ágeis *Stukas* a lançarem bombas em voo picado sobre os aeródromos soviéticos — 500 bombardeiros, 270 caças-bombardeiros e 480 aviões de caça atingiram 66 bases soviéticas. Praticamente sem oposição, destruíram mais de 1200 aviões. Com um só golpe, a força aérea de Estaline havia sido castrada.

As forças especiais alemãs estavam também a trabalhar por trás das linhas inimigas. Disfarçadas com uniformes do Exército Vermelho, tinham sido largadas de paraquedas em áreas-chave e estavam agora a cortar linhas telefónicas e cabos de comunicação. Isto paralisou os centros de comando e controlo soviéticos, causando o caos organizacional.



A operação Barbarossa foi a maior ofensiva terrestre na história da guerra. Os bombardeiros alemães atacaram alvos no solo, abrindo caminho a um rápido avanço da artilharia.

Uma vez terminado o bombardeamento de artilharia inicial, as linhas da frente da infantaria alemã começaram a atravessar a fronteira soviética. O Führer esperara obter uma surpresa tática, e teve grande sucesso, pois a primeira vaga de tropas da Wehrmacht arrasou as frágeis defesas.

Hitler previra havia muito uma vitória rápida. «Quando a Barbarossa começar», disse, «o mundo irá sustentar a respiração.»<sup>7</sup>

Mais precisamente, o mundo viu com horrorizado assombro o Exército Vermelho a desmantelar-se desordenadamente. Guardas fronteiriços soviéticos acordaram estremunhados nas suas camas de campanha nessa madrugada e deram por si na mira de canos de espingardas alemãs. Na sua maioria foram abatidos antes sequer de compreender a enormidade do que estava a acontecer.

Estaline estava a dormir em Kuntsevo quando o general Georgy Zhukov ligou para a *dacha*. Um general despreocupado do NKVD atendeu o telefone.

«O camarada Estaline está a dormir.»

«Vá acordá-lo imediatamente!», gritou Zhukov. «Os alemães estão a bombardear as nossas cidades.»

Passaram alguns minutos antes de o próprio Estaline pegar no telefone. Zhukov deu-lhe a chocante notícia.

«Compreendeu?», perguntou.

Silêncio.

«*Camarada Estaline ... ?*»<sup>8</sup>

Estaline não disse nada. Zhukov escutava a sua respiração pesada do outro lado da linha. As suas palavras estavam a assentar lentamente. Quando finalmente falou, Estaline considerou o ataque um mero ato de provocação limitado. Hitler, disse, não violaria o tratado de amizade. Ainda assim, convocou uma reunião de crise do Politburo, e também deu ordens ao seu comissário dos Negócios Estrangeiros, Vyacheslav Molotov, para contactar o embaixador alemão.

Como se veio a saber, Molotov não precisara de todo de contactar o embaixador. A manhã mal tinha acabado de nascer em Moscovo quando um impassível conde Von der Schulenburg foi visto a dirigir-se para o Kremlin. Eram horas invulgarmente matinais para uma reunião, mas o embaixador trazia uma mensagem da maior gravidade.

Recebera-a de Berlim a altas horas da madrugada, no exato momento em que o primeiro dos tanques da Wehrmacht atravessara

a fronteira soviética. Escrito pelo ministro dos Negócios Estrangeiros da Alemanha, Joachim von Ribbentrop, o telegrama vinha prefaciado por uma ordem dirigida ao próprio Schulenburg. «Por favor, informe Herr Molotov que tem uma comunicação urgente a fazer-lhe e que por isso deseja visitá-lo imediatamente.»

O embaixador Schulenburg ligou para o gabinete de Molotov e disse que precisava de falar com o comissário dos Negócios Estrangeiros. Dirigiu-se imediatamente em seguida para o Kremlin. Molotov devia certamente esperar más notícias, pois já tinha recebido informações sobre distúrbios na fronteira. Ficou, mesmo assim, atónito quando Schulenburg leu, palavra por palavra, o conteúdo do telegrama de Berlim: «O Governo Soviético violou os seus tratados com a Alemanha e está prestes a atacar a Alemanha pela retaguarda, na sua luta pela vida», disse o embaixador. «O Führer deu por isso ordens às Forças Armadas alemãs para se oporem a esta ameaça com todos os meios ao seu dispor.»

Como Schulenburg sabia, o governo soviético não tinha violado os seus tratados com a Alemanha. Nem estava prestes a atacar a Alemanha. Eram mentiras bizarras da parte de Hitler e Ribbentrop. Tal como o resto do telegrama, que acusava abertamente os soviéticos de intenções hostis.

Não sendo alheio à duplicidade, o comissário dos Negócios Estrangeiros Molotov pareceu genuinamente chocado pelo que acabara de ouvir. Durante algum tempo ficou sentado em silêncio. Depois virou-se para o embaixador Schulenburg e disse amargamente: «Isto significa a guerra.»<sup>9</sup>

**PARTE I**

**ONDAS DE CHOQUE**

*Londres, Washington e Moscovo*  
*22 de junho de 1941*

## A EMISSÃO DE WINSTON

O secretário particular de Winston Churchill, John «Jock» Colville, dormitava ligeiramente quando o seu telefone tocou às 4 da manhã de domingo, 22 de junho. Era o Ministério dos Negócios Estrangeiros a ligar com notícias sensacionais. Milhares de soldados da Wehrmacht estavam a atravessar a fronteira soviética, um sinal claro de que a invasão há muito esperada da União Soviética por Hitler tinha começado.

Colville tinha instruções rigorosas para não acordar o primeiro-ministro a não ser que as próprias Ilhas Britânicas estivessem sob ataque. Esperou por isso um par de horas antes de bater à porta do quarto de Churchill. A primeira reação do PM foi «um sorriso de satisfação», pois eram as melhores notícias possíveis.<sup>1</sup> Hitler travava agora uma guerra em duas frentes. Tomou então uma decisão rápida. «Diga à BBC que vou falar hoje às 21 horas.»<sup>2</sup> E depois, embora ainda fosse cedo, acendeu um charuto para celebrar. A vida acabara de mudar para melhor.

As notícias foram-se tornando cada vez mais dramáticas à medida que a manhã avançava. Uma vasta vaga de tanques e infantaria alemã estava a avançar para leste, esmagando as defesas soviéticas. A questão mais urgente enfrentada por Churchill era como reagir.

A resposta não era fácil. Muitos no círculo mais íntimo do primeiro-ministro achavam que José Estaline devia ser abandonado ao seu destino, defendendo que o ditador soviético era um dos líderes mais assassinos da história, um déspota absoluto com

as mãos encharcadas em sangue. As suas impiedosas políticas económicas tinham causado a fome de 1932 que levou à morte de pelo menos cinco milhões de ucranianos, e sabia-se que tinha liquidado muitos dos seus leais comissários na Grande Purga de finais da década de 1930. Estaline era também um entusiástico apoiante do Comintern, entidade estabelecida para fomentar a revolução nas democracias ocidentais.

Churchill simpatizava com as opiniões antissoviéticas dos seus conselheiros. Detestava a União Soviética e passara grande parte da sua carreira política a censurar Estaline e os seus comissários. Num dos seus discursos mais exuberantes, descreveu o regime soviético como «uma liga de falhados, os criminosos, os mórbidos, os dementes e os angustiados».<sup>3</sup> E foi Churchill, enquanto ministro da Guerra, a ter enviado tropas e munições britânicas para o norte da Rússia em 1919 — a sua tentativa, condenada ao fracasso, de estrangular o regime bolchevique à nascença.

Mas naquele dia de junho o primeiro-ministro tinha de fazer um cálculo pragmático. Deveria a Grã-Bretanha ficar a assistir, de fora, enquanto a Wehrmacht de Hitler esmagava as defesas soviéticas? Ou deveria ir em socorro de Estaline neste momento de necessidade? Tudo se resumia a uma simples pergunta: quem era pior, Hitler ou Estaline?

Churchill discutira este exato dilema com Jock Colville na noite anterior enquanto passeavam pelo jardim de Chequers, o retiro do primeiro-ministro. Tinha sido um dia extremamente quente pelos padrões ingleses, com temperaturas perto dos 30 graus, e ambos tinham saído de casa para aproveitar o fresco da noite que caía. Ao atravessarem o relvado até à ponta oposta, Churchill confessou a Colville que «faria tudo para ajudar a Rússia» no caso de uma invasão nazi. Colville mostrou-se surpreso, e perguntou como podia ele sequer apoiar Estaline depois de se ter oposto abertamente, durante anos, ao regime comunista.

Churchill tinha uma resposta pronta. «Tenho um único objetivo», disse. «A destruição de Hitler.» Fazendo uma breve pausa,

acrescentou uma coda caracteristicamente espirituosa. «Se Hitler invadissem o Inferno, eu faria pelo menos uma referência favorável ao Diabo na Câmara dos Comuns.»<sup>4</sup> Colville achou tanta graça que a anotou no seu diário.

Uma série de altos funcionários estavam a passar esse fim de semana em Chequers, incluindo o ministro dos Negócios Estrangeiros, Anthony Eden. Ao almoço de domingo, juntou-se-lhes o embaixador da Grã-Bretanha na União Soviética, *Sir* Stafford Cripps, que estava por acaso numa das suas raras visitas a Inglaterra. Churchill odiava o embaixador Cripps, que era abstêmio, vegetariano e cristão evangélico — uma trindade de vícios imperdoáveis.

Pior ainda, do ponto de vista do primeiro-ministro: Cripps era socialista. De facto, tinha sido a sua atitude política radical a levar à sua nomeação para Moscovo, na esperança de que pudesse melhorar as relações entre a Grã-Bretanha e a União Soviética. Mas Cripps nunca conseguiu conhecer Estaline, nem era bem-vindo no interior do Kremlin. Numa ocasião, quando fez repetidas petições para ver o comissário dos Negócios Estrangeiros Molotov, recebeu uma mensagem curta do secretário de Molotov: «O Sr. Molotov não *deseja* receber o embaixador britânico.»<sup>5</sup>

Ao longo dos dois anos anteriores, o regime soviético não demonstrara qualquer interesse em forjar laços de proximidade com o governo britânico. Este era composto por figuras odiadas como Winston Churchill, que exprimia constantemente a sua hostilidade para com a União Soviética. Além disso, Estaline estava a cortejar assiduamente a Alemanha nazi, a potência dominante da Europa e o único país que representava uma potencial ameaça existencial ao regime soviético.

Quando o embaixador Cripps deixara Moscovo quinze dias antes, o regime soviético expressara o seu deleite por vê-lo pelas costas. A agência noticiosa oficial, TASS, chegou ao ponto de declarar *persona non grata*. Os colegas da embaixada de Cripps partiram do princípio de que ele não regressaria.

Agora, no almoço de domingo em Chequers, Winston Churchill pressionou Cripps a dar-lhe informações sobre Estaline. Havia uma necessidade urgente de perceber como o líder soviético reagiria à invasão nazi. Mas Cripps não sabia quase nada sobre o líder soviético, que raramente aparecia em público. Estaline não tinha nenhum cargo oficial, além do secretário-geral do Partido Comunista, e nunca assistia às recepções de Estado para os diplomatas de visita. E também não recebia embaixadores estrangeiros\*. Os dignitários recém-chegados apresentavam as suas credenciais ao presidente Mikhail Kalinin, o chefe de Estado titular; nunca a Estaline.

Nesse fim de semana, todos os convidados de Churchill concordaram numa coisa: sem assistência do Ocidente, o Exército Vermelho de Estaline seria derrotado. E uma tal derrota teria consequências catastróficas para a Grã-Bretanha, porque Hitler ficaria em condições de transferir todas as suas forças da Frente Oriental para a Ocidental, praticamente impossibilitando a futura libertação da Europa ocupada.

Winston Churchill sempre teve o dom de ver a situação como um todo, e estava a vê-la nesse preciso momento. Tanto a Grã-Bretanha como a União Soviética tinham sido atacadas por Hitler, e isto tornava-as aliadas *de facto* no grande combate. Para desânimo de muitos no seu círculo íntimo, falou-lhes da sua resolução de ir em ajuda de Estaline.

Passou o resto do dia a escrever o texto da sua emissão para a BBC, ciente de que estaria a vender a um público cético um osso duro de roer. «Não tinha a mínima dúvida sobre quais eram o nosso dever e a nossa política», escreveria mais tarde nas suas memórias. «Nem sequer sobre o que tinha de dizer.»<sup>6</sup> Mas só acabou de escrever o discurso às 20h40, apenas vinte minutos antes da hora

---

\* Anthony Eden recebera uma rara audiência na primavera de 1935, quando era ministro dos Negócios Estrangeiros.

marcada para a transmissão, em direto a partir de um microfone instalado em Chequers.

O seu tom foi poderoso e grave, com a elocução rosada do primeiro-ministro a emprestar-lhe um impacto adicional. Falou artificialmente devagar e com longas pausas, dando significado a cada uma das frases-chave.

«Hitler é um monstro de maldade, insaciável na sua sede de sangue e saque», disse. «Não lhe bastou ter toda a Europa sob os seus pés ou aterrorizá-la até ela ter de se submeter abjetamente de várias formas; tem agora de levar a sua obra de carnificina e desolação às vastas multidões da Rússia e da Ásia.»

Churchill foi brutalmente honesto ao admitir que desprezara o regime soviético durante toda a sua carreira política. «Ninguém foi mais consistente opositor do comunismo do que eu fui ao longo dos últimos vinte e cinco anos. Não desdarei nenhuma das palavras que pronunciei sobre ele. Mas tudo isto se desvanece perante o espetáculo que agora se desenrola.» Ele detestava — intensamente — José Estaline, mas detestava ainda mais Adolf Hitler.

«Estamos decididos a destruir Hitler e todos os vestígios do regime nazi [...] Qualquer homem ou Estado que lute contra o nazismo terá a nossa ajuda.»<sup>7</sup> Era dever da Grã-Bretanha ajudar a União Soviética na sua hora de desesperada necessidade. Era também do interesse da Grã-Bretanha.

Os convidados de Churchill em Chequers fizeram uma análise *a posteriori* do discurso pouco após a emissão ter terminado. Anthony Eden mostrou-se preocupado que muita gente ficasse horrorizada com a ideia de apoiar a União Soviética. Em termos de política, disse, «a Rússia é tão má como a Alemanha».<sup>8</sup> Jock Colville concentrou-se mais no desempenho beligerante de Churchill. «Dramático», pensou, «e mostrava uma clara decisão de apoio político à Rússia.» A jovem Mary Churchill, a filha adolescente do primeiro-ministro, estava ainda mais extasiada. «Discurso do papá — soberbo. Oh meu querido, amo-o tanto e admiro-o mais do que alguma vez saberá. Deus queira que seja poupado e apoiado.»<sup>9</sup>



Churchill detestava Estaline, no entanto, transmitiu pela rádio o seu apoio à União Soviética poucas horas depois da invasão de Hitler. Disse que a Grã-Bretanha ajudaria qualquer nação que combatesse os males do nazismo.

Churchill comprometera-se na sua emissão a fazer todos os possíveis para salvar o Exército Vermelho da catástrofe no campo de batalha, mas muitas perguntas ficavam por responder. *Como* iria ele ajudar Estaline? Com que meios? A Grã-Bretanha não estava em posição de ajudar a União Soviética, nem com armamentos nem com matérias-primas.

E havia igualmente outras questões. Se Estaline era agora um aliado, então o primeiro-ministro precisaria de um representante aceitável em Moscovo — alguém que trabalhasse ao lado do líder soviético, preferencialmente dentro do Kremlin. Mas quem? Era difícil pensar num candidato adequado. E isso levantava ainda outra questão: seria Estaline capaz de sequer aceitar tal pessoa? Poucos ocidentais, britânicos ou norte-americanos,

tinham alguma vez passado para lá dos muros com ameaças do Kremlin, e tinham passado anos desde que jornalistas partidários como Walter Duranty e Eugene Lyons haviam obtido as suas entrevistas com o líder soviético. Nem mesmo eles tinham tido acesso ao gabinete privado de Estaline. O líder soviético continuava a ser um enigma quase total, desconhecido e possivelmente incognoscível. Era uma lacuna preocupante, visto que ele tinha o destino do mundo nas suas mãos.

## ROOSEVELT FALA AOS JORNALISTAS

Na distante Washington, o presidente Roosevelt reagiu às notícias da invasão nazi com muito mais cautela do que Winston Churchill. Não fez nenhuma declaração no dia da invasão, e recusou-se a fazer uma conferência de imprensa de emergência. O Departamento de Estado foi igualmente parco em palavras, difundindo um curto comunicado dizendo que a invasão de Hitler era uma «prova convincente de que o *Reichsführer* Hitler planeia dominar o mundo».<sup>1</sup> Mas quando os jornalistas perguntaram se a América forneceria tanques e armas à União Soviética, foi-lhes dito que Estaline não pedira qualquer armamento. «Consequentemente, não será necessário falar de momento sobre quaisquer questões relativas à lei do Empréstimo-Arendamento.»<sup>2</sup>

Havia boas razões para evitar o tema: o círculo íntimo do presidente Roosevelt não conseguia pôr-se de acordo quanto ao que fazer a seguir. O secretário de Estado Cordell Hull apoiava o fornecimento de armamento a Estaline, enquanto o ministro da Guerra Henry Stimson se opunha a tal ação.<sup>3</sup> Caberia ao presidente tomar ele próprio a decisão.

Uma dor de cabeça acrescida para o presidente Roosevelt era o poderoso movimento America First (A América Primeiro), cuja figura de topo, o general Robert Wood, fazia pouco de quem era a favor do apoio à Moscovo comunista. «O partido pró-guerra não pode realmente pedir ao povo americano que pegue em armas em nome da bandeira vermelha de Estaline», disse de modo trocista.<sup>4</sup>

Vozes influentes no Senado concordavam. «Estaline tem tanto sangue nas mãos como Hitler», opinou um senador. «Não acho que devemos ajudar nem um nem outro.» O senador Harry Truman teve uma abordagem ainda mais cínica: «Se virmos que a Alemanha está a ganhar, devemos apoiar a Rússia, e se a Rússia estiver a ganhar, devemos apoiar a Alemanha, e assim deixamo-los matar-se uns aos outros na medida do possível.»<sup>5</sup> A sua voz não era de todo a única. Quando a Gallup realizou uma sondagem na terça-feira, 24 de junho, dois dias depois da invasão, descobriu que dois terços da população eram contra ajudar a União Soviética.

Nesse mesmo dia, às 16 horas, o presidente Roosevelt convocou finalmente uma conferência de imprensa na Sala Oval da Casa Branca. O jornalista da rádio NBC Earl Godwin foi o primeiro a entrar na sala, brincando com o presidente sobre o reforço da segurança. Roosevelt gostava de Godwin, um veterano da rádio, e alcunhara-o de Deus\*. «Temos andado a investigar Deus já há uns tempos», brincou, ao fingir que escrutinava o cartão de imprensa de Godwin.

A jornalista May Craig entrou em segundo lugar: trouxe a Roosevelt um raminho de bem-me-queres, que colocou na secretária dele. «Ora bem, ora bem», sorriu o presidente ao ver um número crescente de jornalistas a entrar no seu gabinete. «Não sei porque veio tanta gente», disse com um sorriso. «Não tenho novidades hoje.»

As primeiras perguntas dessa tarde foram triviais. Um repórter perguntou sobre o Parque Nacional de Mammoth Cave; outro queria saber de controlos de preços. Mas não foi preciso muito tempo para Godwin interrogar o presidente acerca da União Soviética. Queria saber se Roosevelt iria apoiar Estaline.

O presidente deu uma resposta inequívoca. «Claro que vamos dar à Rússia toda a ajuda que pudermos», disse. Mas acrescentou rapidamente que não tinha estado em contacto com Estaline

---

\* A alcunha de Deus — God — derivava do apelido do jornalista, Godwin. [N. T.]

e não fazia ideia da ajuda de que ele poderia necessitar. Também disse a Godwin que não seria nada fácil produzir o armamento necessário. «Não podemos ir ali à esquina à Mr. Garfinckel's» — um grande armazém de Washington — «e fazer uma encomenda para levarmos connosco.»

Toda a gente se riu com a referência.

Tornou-se rapidamente evidente que o presidente não tencionava revelar quase nada aos jornalistas reunidos.

«Que tipo de coisas lhes vamos dar, senhor presidente?», perguntou um dos repórteres mais persistentes.

«Oh, meias e sapatos e coisas desse género!», brincou Roosevelt.

«Já tem alguma lista?»

«Não.»

«Atribuirá algumas prioridades de aviões à Rússia?»

«Não sei», respondeu Roosevelt. «Não faço a mínima ideia.»

Outro jornalista perguntou se o armamento para Estaline seria entregue ao abrigo dos mesmos termos que estavam a ser usados com a Grã-Bretanha.

«Não sei», suspirou o presidente, cada vez mais exasperado, antes de acrescentar: «Provavelmente sei menos sobre a situação na frente de batalha em Moscovo do que o amanuense médio sabe neste momento.»

Outro jornalista perguntou se a defesa da Rússia era essencial para a defesa dos Estados Unidos.

Roosevelt furtou-se à questão. «Ora, faça-me uma pergunta diferente», disse. «Sabe que nunca respondo a essas.»<sup>6</sup>

Foi uma conferência de imprensa pouco informativa, com o presidente a ser parco em palavras. Ainda assim, disse aos jornalistas que tinha ordenado a libertação de ativos soviéticos bloqueados, e também deu a entender que a Lei da Neutralidade, concebida para manter a América de fora dos conflitos internacionais, não se aplicaria à guerra soviético-alemã. Isto deixava em aberto a possibilidade de fazer chegar armamento norte-americano a portos soviéticos.

Pouco foi divulgado publicamente nos dias que se seguiram, para grande frustração do corpo de imprensa da Casa Branca. Mas, nos bastidores, havia muita atividade, com discussões constantes entre o Departamento de Estado e a Embaixada Soviética em Washington. No espaço de quinze dias, o embaixador soviético, Constantine Oumansky, apresentou aos responsáveis norte-americanos um pedido formal de aviões, armas e munições no valor de 2 mil milhões de dólares.

Sem eles, disse, a União Soviética enfrentava a derrota.

## A CRISE DE ESTALINE

Estaline ficou chocado com a notícia da invasão. Tinha ignorado os sinais de alerta e não levava em conta as informações. Embora nunca tivesse confiado na Alemanha nazi, não acreditara que Hitler atacasse a União Soviética num futuro próximo. Apenas poucas semanas antes, tinha discursado perante um grupo de cadetes militares, avisando-os para estarem «preparados para quaisquer surpresas», mas garantindo-lhes também que Hitler estava completamente ocupado com a sua tentativa de esmagar a Grã-Bretanha.<sup>1</sup>

A resposta inicial de Estaline à invasão foi convocar uma reunião de emergência do Politburo. O dia não tinha ainda nascido quando foi conduzido para o Kremlin desde a sua *dacha* em Kuntsevo. Os membros do Politburo reuniram-se numa sala no segundo andar às 5h45, pouco mais de uma hora depois dos primeiros tanques alemães terem atravessado a fronteira soviética. Entre os presentes estavam figuras de topo do círculo íntimo de Estaline, incluindo o seu comissário dos Negócios Estrangeiros, Vyacheslav Molotov, o seu comissário da Defesa, Semon Timoshenko, e o chefe do Estado-Maior General, o general Zhukov. Toda a gente se mostrou chocada ao ver Estaline em tão visível estado de confusão: «O seu rosto bexigoso estava exausto e emaciado», recordou um dos presentes, enquanto outros mencionaram o seu desnorte e a sua voz invulgarmente hesitante. Estaline estava, na verdade, chocado com a enormidade do que tinha acontecido e não conseguia processar as informações que chegavam da frente de batalha.

Agarrou-se à sua alegação prévia de o ataque da Wehrmacht ser um ato limitado de provocação. Mas Molotov rejeitou-a imediatamente, recordando-o de que o próprio embaixador alemão tinha confirmado tratar-se de uma invasão em larga escala. A notícia abalou profundamente Estaline. «Afundou-se na sua cadeira e perdeu-se em pensamentos profundos», notou Zhukov. Houve um longo silêncio enquanto ele reunia forças para falar. «O inimigo será batido em toda a linha», disse, destemperado.<sup>2</sup> Virou-se então para os seus generais e perguntou-lhes como deveriam as Forças Armadas responder ao *blitzkrieg* alemão. Zhukov começou a explicar a importância de as tropas fronteiriças travarem o avanço da Wehrmacht, mas foi interrompido a meio por um Timoshenko irritado. «Aniquilarem», interjetou. «Nada de travarem.»<sup>3</sup>

Às 7h15, Estaline deu a sua primeira ordem em tempo de guerra. Os aviões da Luftwaffe deveriam ser destruídos; dever-se-iam lançar ataques aéreos sobre território alemão; e as tropas soviéticas deveriam «aniquilar» as forças invasoras. Os membros do Politburo discutiram em seguida a melhor forma de dar a notícia à nação. Havia um consenso generalizado de que deveria ser o próprio Estaline a dar a notícia na rádio, mas o líder soviético objetou. «Que seja o Molotov a falar», disse, raciocinando que tinha sido Molotov a assinar o nome no pacto nazi-soviético.<sup>4</sup>

Molotov conseguiu controlar a sua gaguez para informar o povo soviético dos graves acontecimentos que tinham tido lugar durante a noite. «Às 4 horas desta madrugada, sem declaração de guerra, e sem quaisquer alegações feitas à União Soviética, tropas alemãs atacaram o nosso país [...] Este ataque sem precedentes é um ato de perfídia sem paralelo na história das nações civilizadas.»

No seu habitual tom monocórdico, falou-lhes da abjeta traição de Hitler. «Este ataque foi levado a cabo apesar de existir um pacto de não-agressão entre a União Soviética e a Alemanha, pacto esse cujos termos foram escrupulosamente cumpridos pela União Soviética.» Molotov também recordou os seus ouvintes de que

Hitler já passara por cima de todos os povos da Europa Central e Ocidental, condenando milhões à miséria.

Terminou a emissão recordando que a Rússia já tinha sido invadida antes, na Grande Guerra Patriótica de 1812, e que o povo se erguera em unísono para esmagar Napoleão. A mesma coisa aconteceria a Hitler. «A nossa causa é boa», disse. «O inimigo será esmagado. A vitória será nossa.»<sup>5</sup>

Estaline felicitou Molotov pelo seu desempenho, embora o tenha feito com a sua habitual falta de decoro. «Bom», disse, «parecia estar um bocado aflito, mas o discurso correu bem.»

Os moscovitas receberam a notícia da invasão com aterrorizada perplexidade. Durante dois anos, tinham-lhes sido contadas histórias inspiradoras sobre a aliança contínua de Estaline com Hitler. Agora, numa reviravolta alarmante, era-lhes dito que o seu aliado nazi era um bandido traiçoeiro.

O estado de espírito de Estaline ensombrou-se ainda mais com as notícias dos sucessos do inimigo que iam chegando ao Kremlin. Ficou horrorizado ao saber da destruição de grandes quantidades de aviões soviéticos antes sequer de terem conseguido descolar. «Mas a força aérea alemã não atingiu certamente todos os aeródromos?», perguntou, incrédulo.<sup>6</sup>

A Wehrmacht varreu as defesas fronteiriças soviéticas com uma facilidade assombrosa, esmagando tudo no seu caminho. Algo de semelhante se repetiu em todas as frentes: os soldados do Exército Vermelho eram derrotados antes sequer de terem hipótese de combater.

A situação militar parecia desesperada. Entroncamentos ferroviários e linhas de comunicação tinham sido destruídos; postos de comando tinham sido incendiados; e havia uma escassez desastrosa de veículos militares nas regiões fronteiriças. A maioria dos soldados soviéticos tinha dado meia volta e fugido, mas essa fuga apressada trouxe os seus próprios problemas. «Formaram-se engarrafamentos devido às tropas, artilharia, veículos motorizados e cozinhas

de campo», escreveu o general Ivan Boldin, um dos comandantes soviéticos nas linhas da frente, «e por isso os aviões nazis tiveram a papinha toda feita [...] Muitas vezes as nossas tropas não conseguiam esconder-se apenas porque não tinham nenhum utensílio para o fazer. Ocasionalmente tinham de escavar trincheiras com os capacetes, porque não havia pás.»<sup>7</sup>

À medida que o dia foi avançando, Estaline soube que a situação ainda era pior do que receara. Os alemães estavam a avançar por toda a parte, com a cidade de Minsk já à sua vista. Enfureceu-se com os seus comissários. «Lenine fundou o nosso Estado», disse, «e nós lixámos tudo.»<sup>8</sup>

Pouco tempo depois, chocou os seus camaradas do Politburo ao fazer uma declaração de intenções com quatro palavras. «Está tudo perdido», disse-lhes. «Desisto.» Com esta frase a ressoar-lhes ao ouvido, ele abandonou o Kremlin e retirou-se para a sua *dacha* de Kuntsevo.

Nos dias que se seguiram, ninguém viu Estaline. Recusou-se a receber quaisquer visitantes e nem sequer atendia o telefone. Nem reagiu à emissão de Winston Churchill na BBC, na qual o primeiro-ministro empenhara a Grã-Bretanha em apoiar a União Soviética. Contudo, sabia certamente o que Churchill tinha dito, pois transcrições do discurso do PM estavam já a ser traduzidas para russo, georgiano e ucraniano. Pouco tempo depois, centenas de milhões de cópias estavam a sair das impressoras.<sup>9</sup>

Aqueles que pertenciam ao círculo íntimo de Estaline mostraram-se horrorizados ao descobrir que o seu líder tinha desaparecido sem rasto, determinado a abandonar o cargo. Na sua hora de maior desespero, com a Wehrmacht a avançar para leste, a União Soviética fora deixada à deriva.

A não ser que Estaline recuperasse — e depressa — a derrota parecia certa.

PARTE II

PRIMEIRA ALIANÇA

*Washington e Londres*  
*Primavera de 1941*

## UM HOMEM CHAMADO AVERELL

Quatro meses antes de Hitler invadir a União Soviética, a Grã-Bretanha tinha ela própria estado sob ataque. As suas cidades estavam a ser destruídas pela Luftwaffe, as suas linhas de abastecimento cortadas pelos submarinos alemães. O país estava a ser lentamente estrangulado.

Winston Churchill implorara pessoalmente por ajuda na sua primeira mensagem ao presidente Roosevelt: «Esperamos ser nós próprios atacados aqui, tanto pelo ar como por tropas aerotransportadas e largadas de paraquedas, no futuro próximo, e estamos a preparar-nos para elas.» Jurou que o país lutaria até ao fim, mas o seu desafio vinha com uma ressalva. «Espero que compreenda, Sr. Presidente, que a voz e a força dos Estados Unidos podem não servir de nada se nos forem negadas demasiado tempo.» O tempo era essencial. «Pode acabar por assistir ao estabelecimento, a uma velocidade espantosa, de uma Europa completamente subjugada, nazificada.»

O mundo ensombrara-se ainda mais desde o primeiro apelo de Churchill. Os Países Baixos tinham sido impiedosamente conquistados e a França tinha sido forçada a ajoelhar-se. Grandes partes de Londres e de outras cidades britânicas estavam a ser reduzidas a pó pelos bombardeiros nazis. Era imperativo que a América viesse em ajuda da Grã-Bretanha, defendeu Churchill, pois uma Grã-Bretanha dominada pelos nazis deixaria a própria América em grave perigo.

Na primavera de 1941, Roosevelt estava pronto a agir. Na sexta-feira, 7 de março, deu um almoço na Casa Branca no qual participou um único convidado e onde houve um único tópico de conversa. O convidado era um homem chamado Averell Harriman, e a conversa do presidente com ele nessa tarde marcaria o início de uma entusiasmante aventura de quatro anos. Mais ainda: lançou os alicerces de uma notável, ainda que bizarra, aliança de três potências em tempo de guerra.

Para os seus muitos amigos, Averell parecia pertencer a uma elite dourada. De aspeto jovem aos 49 anos, era rico, alto e amigoso, de marcante boa aparência: esbelto e atlético, usava o cabelo penteado para trás e um sorriso bem norte-americano. Um conhecido dizia dele ter as feições de Gary Cooper e a sedução de Ray Milland, ligando-o desta forma a dois dos maiores ídolos do grande ecrã.

Conhecido de todos como Averell ou Ave, era também um hábil esquiador que aperfeiçoara os seus conhecimentos em Sun Valley, deslumbrante estância de esqui do Idaho que construía e da qual era proprietário. «Com a sua cabeça lançada para trás e os seus óculos de sol», escreveu um jornalista, «exalava quase sem esforço o estilo de um aristocrata norte-americano.»<sup>1</sup>

Acima de tudo, Averell era alucinantemente rico. Presidente do império ferroviário Union Pacific, comandava uma rede que cobria vinte e três estados. Investira na banca, no frete marítimo e na indústria mineira — atividades que ainda tinham aumentado mais a sua fortuna. Também se aventurara na arte, comprando obras-primas de Van Gogh, Renoir e Picasso. A fortuna de 70 milhões de dólares acumulada pelo seu pai crescia a cada ano que passava. Na primavera de 1941, era o quarto homem mais rico da América.

Grande riqueza gerara ligações profundas: conhecia Franklin e Eleanor Roosevelt desde os seus dias de estudante no colégio privado de Groton, onde fora amigo do irmão mais novo de Eleanor. Agora tinha sido convidado para a Casa Branca, e o seu almoço com o presidente foi o primeiro ato do que viria a ser um dia de grandes surpresas.



Averell Harriman era rico, atlético e bem-parecido. Magnata multimilionário, foi encarregado de criar uma relação pessoal de proximidade com Churchill e com Estaline.

A primeira surpresa foi a comida repugnante. «Uma refeição extraordinária», registou no seu bloco de notas — e extraordinária por todas as razões erradas. «*Sopa de espinafres*» — mostrou-se espantado por os *chefs* da Casa Branca não conseguirem cozinhar nada de mais apetitoso para o homem mais poderoso do mundo. «Parecia água quente despejada sobre espinafres picados. Torradas e pãezinhos quentes.»

O prato principal não foi muito melhor: «*Soufflé* de queijo com espinafres!! Sobremesa — três grandes panquecas gordurosas, muita manteiga e xarope de ácer.»<sup>2</sup>

Averell achou que era uma má dieta para um presidente a recuperar de uma forte constipação e ficou perplexo ao ouvir Roosevelt falar da necessidade urgente de proteínas e vitaminas na Grã-Bretanha. Achou que a própria Casa Branca precisava de uma transformação alimentar.

Só depois de os dois homens terem acabado as panquecas gordurosas é que Roosevelt se virou para a questão em mãos. Averell

não tinha sido convidado para a Casa Branca para uma delícia culinária, nem mesmo para conversa fiada. Estava ali porque o presidente estava prestes a fazer-lhe uma extraordinária oferta, que seria rapidamente estendida à sua filha de 23 anos, Kathy.

A fortuna da família Harriman fora obtida inteiramente por esforço próprio. Ao contrário dos outros titãs do vale do rio Hudson, os Rockefeller e os Vanderbilt, o pai de Averell começara a vida como um paupérrimo mensageiro postal com muita lata e muita sorte em rápida sequência. Demonstrando uma ausência de piedade que espantou os seus contemporâneos, tomou o controlo da falida Union Pacific e tornou-a uma empresa altamente lucrativa.

Esses lucros em permanente crescimento possibilitaram ao jovem Averell uma infância de luxo opulento. A casa da família em Manhattan era uma imensa montanha de mármore na Quinta Avenida, mas os Harriman passavam a maior parte do tempo em Arden, um colossal e grandioso castelo a 80 quilómetros pelo rio Hudson acima. Era fantasticamente grande (a mulher de Averell confessaria mais tarde ter problemas em encontrar a cozinha), com *courts* de ténis, um terreno de polo, um campo de *croquet* e uma sala de bilhares.

Averell herdara a franqueza sem verniz do seu pai, mas também era dócil, sobretudo quando as suas duas filhas estavam por casa. Ele adorava Mary e Kathy, ajudando-as na escola depois da morte prematura da mãe delas. Casara-se posteriormente em segundas núpcias com uma mulher chamada Marie Norton, mas as filhas continuavam a vê-lo como um pai solteiro, que idolatravam. A idolatria era mútua. Averell era particularmente próximo da vivaz filha mais nova, Kathy, a quem dera a alcunha de «Puff». Ela chamava-lhe «Popsie».

Kathy percebeu muito cedo que o seu pai era um íman para mulheres desejáveis, que invariavelmente acabavam por encontrar a porta do seu quarto. Elas incluíram a bela criadora de moda russa Katia Krassin e a artista de *vaudeville* Teddy Gerard. Mais

recentemente, ele tinha sido seduzido por Vera Zorina, a bailarina e estrela de cinema casada com o coreógrafo George Balanchine.

Marie, a mulher de Averell, lidava bem com tais ligações, talvez porque ela própria estivesse a ter um caso com o músico da alta sociedade Eddie Duchin. Era, pelo menos, o que circulava na sociedade nova-iorquina. No universo dos Harriman, a promiscuidade era aceitável, desde que fosse discreta.

Roosevelt assoou o nariz pela enésima vez nesse almoço; a sua cabeça estava azamboada com a constipação. Averell reparou no aspeto extenuado do presidente. «Confuso [...] obviamente cansado e mentalmente gasto.»

«Quero que vá a Londres», acabou o presidente por dizer, «e recomende tudo aquilo que pudermos fazer, sem nos envolvermos na guerra, para manter as Ilhas Britânicas à tona.»

Aqui, resumida, estava a razão para o convite de Averell para a Casa Branca. A Grã-Bretanha estava a afundar-se depressa: sem comida, sem abastecimentos, sem armamento. O país estava também sob ataque implacável da Luftwaffe. Havia um medo real de estar à beira do colapso. A missão de Averell consistia em ver o que podia ser feito para salvar a ilha sitiada.

Isto tornara-se um imperativo para Roosevelt, porque uma Grã-Bretanha sob controlo nazi deixaria a América perigosamente exposta. Salvar a Grã-Bretanha era um modo de salvar também a América.

O presidente já havia preparado terreno na primeira metade de fevereiro, ao convocar o corpo de imprensa da Casa Branca para uma conferência. Depois de um monólogo digressivo sobre a Grande Guerra, disse aos jornalistas que tencionava fornecer ajuda às Ilhas Britânicas independentemente de ela poder ou não pagá-la. «O que estou a tentar fazer», disse, «é eliminar o símbolo do dólar.»

Quando os repórteres quiseram saber mais, o presidente propôs uma analogia simples, mas lúcida. «Suponhamos que a casa do meu vizinho se incendia», disse-lhes, «e que eu tenho uma

longa mangueira a 100 ou 200 metros de distância. Se ele conseguir pegar na minha mangueira e ligá-la à bomba de água, posso ajudá-lo a apagar o fogo.»<sup>3</sup> Acrescentou que não iria pedir dinheiro, nem esperaria recebê-lo. O seu único pedido era que, uma vez o fogo extinto, a mangueira lhe fosse devolvida.

Roosevelt expandiria mais tarde este tema numa das suas «conversas à lareira» que eram regularmente transmitidas à nação. «Se a Grã-Bretanha se afundar», avisou, «todos nós nas Américas estaremos a viver sob a mira de uma espingarda [...] Temos de produzir armas e navios com toda a energia e recursos de que possamos dispor.»

Quando os jornalistas perguntaram se a nova política do presidente tinha um nome, Roosevelt foi momentaneamente apanhado de surpresa. «Empréstimo-Gasto...», disse vagamente. «Empréstimo-Arendamento [...] o que quiserem chamar-lhe.» Não estava com vontade de responder a perguntas e ficou irritado quando um jornalista insistiu em pedir mais pormenores. «Não sei, e não quero saber, percebe?» A sua única preocupação era que a Grã-Bretanha fosse apoiada na sua luta.

Agora, no rescaldo dessa conferência de imprensa, estava a pôr músculo nos ossos do Empréstimo-Arendamento. Averell Harriman seria enviado a Londres como seu representante oficial. Responderia apenas ao presidente — não ao Departamento de Estado — e lidaria diretamente com o primeiro-ministro. Roosevelt queria «as palavras de Churchill, não diluídas». Não haveria nada de burocratas, diplomatas ou intermediários.

Os jornalistas da Casa Branca ficaram surpreendidos com a escolha de Averell para uma posição de tanto prestígio. Afinal de contas, ele era um magnata empresarial, não um político. Não sabia nada sobre manter uma nação abastecida de armamento e comida. Era certamente uma bela recompensa para a lealdade de longa data de Averell para com Roosevelt. Fora Averell a transferir a fidelidade de longos anos da sua família dos Republicanos para os Democratas; Averell a apoiar entusiasticamente a candidatura de

Roosevelt à presidência em 1932, 1936 e 1940. Até apoiara o *New Deal* do presidente numa altura em que muitos apontavam as suas falhas. Agora estava a obter o retorno no investimento.

Entre as muitas perguntas dos jornalistas nesse dia, estava como deveriam referir-se a Averell nos seus artigos. «Chamem-lhe um despachante», disse Roosevelt vagamente. «Ora aí têm uma nova designação!»

O próprio Averell não tinha quaisquer dúvidas quanto à importância do trabalho que o esperava. O seu papel era transformar a Grã-Bretanha num bastião de combate que, numa data futura, conseguiria enfrentar a máquina de guerra de Hitler. Estaria a lidar diretamente com Winston Churchill, quotidianamente. E estava a receber carta-branca para agir como bem entendesse. «Um excelente mandato», pensou, «que não me ata de todo as mãos.» Ciente de que lhe estavam a propor o emprego de uma vida, aceitou imediatamente. Levá-lo-ia bem para o coração da guerra.

O almoço terminou e a mesa foi levantada. O café arrefecera. Averell nunca tinha visto Roosevelt tão preocupado como naquele dia na Casa Branca. O presidente estava profundamente preocupado que o Empréstimo-Arendamento arrastasse a América para a guerra, e isso deixara-o abalado e indeciso. «No fim de contas, palavroso como ele consegue ser em muitos assuntos, foi muito mais humilde, menos convencido e mais humano do que em qualquer conversa que tive com ele desde que se tornou presidente.»

Averell agradeceu a Roosevelt as panquecas, o emprego e os conselhos presidenciais. Mas, ao deixar a Casa Branca nesse dia, a sua impressão predominante era que o Empréstimo-Arendamento não seria suficiente e tinha chegado tarde. «Vim-me embora a pensar que o presidente não tinha enfrentado o que eu considerava serem as realidades da situação: nomeadamente que havia uma boa possibilidade de a Alemanha» — a qualquer dia — «poder estropiar o transporte marítimo britânico ao ponto de afetar a sua capacidade de continuar a resistir.»<sup>4</sup>

Averell tencionava partir da América na segunda-feira, 10 de março de 1941, deixando-lhe apenas três dias para contratar pessoal, pôr ordem nos seus negócios e dizer adeus à família.

A sua mulher, Marie, não o quis acompanhar a Inglaterra. Sofria de glaucoma e tinha acabado de ser operada aos olhos. Os especialistas aconselharam-na a evitar um penoso voo transatlântico. Ela também tinha de levar em conta o clá alargado dos Harriman, com dois filhos cada dos seus dois casamentos. E havia o tal caso de que se falava com Eddie Duchin.

Averell sabia exatamente quem queria ter como assistente pessoal. Bob Meiklejohn (pronunciado «Micklejohn») fora o seu secretário na Union Pacific durante os últimos quatro anos. Ninguém era mais diligente e leal do que Meiklejohn. Alto, com 32 anos e calvície prematura, era um juiz astuto da natureza humana e um braço direito de confiança.

Mas havia um problema. O pai de Meiklejohn tinha acabado de ser diagnosticado com um cancro terminal, levando Meiklejohn a hesitar quando o cargo lhe foi oferecido. Não só nunca mais veria o pai, como seria também difícil manter-se em contacto de forma significativa. Embora pudesse escrever cartas para casa, foi avisado de que seriam fortemente censuradas.

O seu irmão, David, arranhou uma solução. Ciente de que uma das tarefas de Bob seria manter um registo horário da Missão Harriman, como fora designada, sugeriu expandir esse diário para cobrir tudo o que tivesse interesse, dos raids de bombardeamento a Londres às fofocas da alta sociedade. Isto poderia em seguida ser enviado para a América por mala diplomática (evitando assim os censores) e contrabandeado até ao leito do pai Meiklejohn.

«Assim nasceu o diário e a sua política editorial», escreveu Meiklejohn na introdução a um relato diário que acabaria por preencher dois volumes — 841 páginas — e pesar ao todo quatro quilos. A sua modéstia levou-o a minimizar o significado do diário, chamando-lhe «um registo de trivialidades num período em que questões de grande importância estavam a ter lugar».<sup>5</sup>

Contudo, mais tarde admitiria que registava «eventos consequentes que eram secretos e não podiam ser revelados». Tal viria a ser um registo único de um período tumultuoso, que durante décadas foi negligenciado na Divisão de Manuscritos da Biblioteca do Congresso.

Os três dias de preparativos passaram num instante enquanto Meiklejohn resolvia os seus negócios. Averell, entretanto, teve uma enxurrada de reuniões com os mais importantes nomes de Washington, incluindo o secretário de Estado Cordell Hull. Hull tinha pouco a dizer sobre a Missão Harriman em si, que iria agir acima da sua autoridade. A sua principal preocupação era que a Marinha dos EUA mantinha todos os seus navios de guerra principais no Havai, deixando-os expostos. Um raide de bombardeamento inimigo poderia causar o caos.

«Como é que se chama mesmo o porto?», perguntou a Averell, confessando um lapso momentâneo de memória.

Houve um momento de pausa.

«Pearl Harbor.»<sup>6</sup>

«Senti-me um aventureiro», escreveu Averell ao embarcar num hidroavião *Yankee Clipper* no aeroporto municipal de Nova Iorque. Eram 9h15 da manhã de segunda-feira, 10 de março, e esta seria a primeira etapa de um voo que exigiria várias escalas. Ele e Bob Meiklejohn tinham direito a duas malas por pessoa (peso máximo de 30 quilos) e viajavam com passaportes diplomáticos acabados de emitir.

«Almoçámos bife no avião», anotou Meiklejohn na primeira página do seu novo diário. «Chegámos às Bermudas depois de um voo tranquilo sob um sol brilhante.» Os passageiros receberam ordens para baixar os estores das janelas ao aterrarem, porque o aeródromo ficava numa área militar interdita do território controlado pelos britânicos. «Multa de 500 dólares por abrir o estore.»

Averell e Meiklejohn passaram uma noite descontraída no Hotel Belmont Manor. Às 16h do dia seguinte, voltaram a embarcar no

*Clipper* para a viagem de catorze horas até aos Açores, onde apanharam um outro voo para Lisboa.

Aqui tropeçaram num obstáculo imprevisto. Não havia voos com destino a Londres antes de sábado, 15 de março, obrigando a uma escala de três dias até arranjarem lugar num avião DC-3 neerlandês. Averell teve uma «experiência perturbante» quando se preparava para embarcar: passou por um avião da Luftwaffe adornado com uma grande suástica. Na Lisboa neutra, o inimigo estava sempre presente.

O voo para Inglaterra foi perigoso e desconfortável. «Camuflado e muito sujo e gasto no exterior», escreveu Meiklejohn sobre o avião, «com os assentos todos retirados, à exceção de dez ou onze, para reduzir peso e passageiros devido ao peso do combustível necessário para o voo de 1600 quilómetros até Inglaterra.»

A última etapa da viagem terminou com um assustador mergulho de 2500 metros até ao nível do solo para evitar as patrulhas da Luftwaffe sobre o Canal da Mancha. Finalmente, às 15h30, aterraram em Bristol depois de uma viagem que levava quatro dias e seis horas.

O seu suplício ainda não tinha acabado. Recebidos calorosamente pelo comandante Tommy Thompson, ajudante de campo de Winston Churchill, foram escoltados até ao bimotor *Flamingo* do primeiro-ministro que os levaria até Chequers, a residência oficial de Churchill fora de Londres. Foi-lhes dito que havia paraquedas nas bolsas dos assentos — só por precaução — e dois caças *Hurricane* acompanhá-los-iam como escolta. Era um sinal da importância conferida à sua missão.

«Uma vista impressionante do país», escreveu Meiklejohn enquanto olhava pela vigia. «Dois homens da RAF connosco na cabina iam apontando as crateras de bombas.» O sol do fim da tarde estava a afundar-se no horizonte, lançando sombras longas sobre os campos. Nem uma única luz brilhava no casario lá em baixo.

Depois de um voo de apenas trinta minutos, aterraram num aeródromo improvisado no Buckinghamshire. Havia sinais de

guerra por todo o lado. «Vi cerca de uma dezena de bombardeiros», escreveu Meiklejohn, «todos negros, e a serem preparados para um voo noturno.»

Averell, ele próprio, mostrou-se abalado pela enormidade de estar num país sitiado. Recordando o evento, anos mais tarde, disse: «Entre numa Grã-Bretanha na sombra.»<sup>7</sup>

## A notável história verdadeira da missão secreta dos Aliados na Moscovo em tempo de guerra.

No verão de 1941, quando Hitler invadiu a União Soviética, as forças de Estaline enfrentaram a possibilidade de uma derrota catastrófica, o que tornaria praticamente impossível a libertação da Europa pelos Aliados. Para evitar este desastre, a Grã-Bretanha e os Estados Unidos mobilizaram uma equipa de elite composta por diplomatas notáveis com a missão de manter o Exército Vermelho na guerra.

Para o coração da Moscovo de Estaline, Roosevelt enviou Averell Harriman, o quarto homem mais rico da América, e a sua brilhante filha Kathy. Churchill enviou o imprudente, mas criativo *bon vivant* Archie Clark Kerr — e, ocasionalmente, ele próprio — para negociar com os operadores mais astutos do Kremlin. Juntos, este grupo improvável lutou contra o engenhoso e temperamental Estaline para tornar a vitória possível.

Do autor *bestseller* Giles Milton, e baseado em diários, cartas e relatórios secretos surpreendentes e inéditos, *O Caso Estaline* põe a descoberto aquela que é a coligação mais improvável da História moderna.

«Apresentado com extravagância, este livro conta com um elenco brilhante de oportunistas.»

KATJA HOYER, autora de *Para Lá do Muro*



Penguin  
Random House  
Grupo Editorial

[www.penguinlivros.pt](http://www.penguinlivros.pt)

  penguinlivros

ISBN: 978-989-583-710-6



9 789895 837106